As ocupações de 2016 na cidade do Rio Grande/ RS/Brasil: uma ferramenta de luta pela Justiça Social e Socioambiental

Horácio Rodrigo Souza Rodrigues
Mestrando em Educação Ambiental. Bolsista CAPES/DS.
PPGEA - Universidade Federal do Rio Grande - FURG
horacio.r.sr@gmail.com

Jéssica Rodrigues Costa
Historiadora. Universidade Federal do Rio Grande - FURG
gskrcosta@yahoo.com.br

Carlos Roberto da Silva Machado
Professor do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG
carlosmachado2004furg@gmail.com

Resumo

Entre 2010 e 2016, em todo Brasil ocorreram conflitos urbanos e ambientais. No extremo sul foram mapeados pelo Observatório dos Conflitos (FURG). Nesta região vige a injustiça ambiental. Focalizamos maio de 2016, quando ocupações de espaços públicos foram utilizadas como ferramenta de luta. Como hipótese apresentamos o território como central nestas manifestações. O material empírico foram as manifestações de moradores do bairro COHAB 4 no parlamento municipal; dez escolas ocupadas por estudantes; e a ocupação da Universidade (FURG). Nosso objetivo será refletir sobre estas ocupações como ferramenta de luta, argumentando serem exemplos da luta contra a cidade injusta e desigual.

1. Introdução

A região do extremo sul do Brasil, em especial o município do Rio Grande (RGS/Brasil) está configurado como sendo de injustiça ambiental e social, visto a enorme quantidade de conflitos urbanos e socioambientais que identificamos pelo observatório dos conflitos desde 2010. Sua vocação portuária, somada ao histórico de utilização desta região como sede de empreendimento de alto impacto social e ambiental, a profunda desigualdade social, habitacional e educacional, além do predomínio de empresas poluidoras e de grandes plantações de soja e arroz contaminando os mananciais hídricos, dentre outras injustiças, nos levou a categorizá-la com uma zona de sacrifício ou paraíso da poluição (Machado e Santos, 2013).

Os conflitos como indicadores de tal injustiça, se distribuem por vários âmbitos da vida social (habitação, saúde, educação, lutas dos trabalhadores, questões ambientais, remoções, etc.), das quais, neste trabalho, focaremos casos de manifestações públicas em duas temáticas: moradia e educação. Em ambas as situações, espaços públicos foram ocupados com a finalidade de pressionarem os governos a atenderem suas pautas: moradia e políticas públicas na área da educação, respectivamente. Afirmamos, portanto que estes dois casos, foram/são exemplos concretos de luta e, como tais são indicadores da existência de desigualdade, seja na apropriação do território - no caso da luta por moradia - ou, como no âmbito da educação, no caso das escolas ocupadas, de descaso com este espaço público pelo governante estadual (RGS). Destacamos, assim, a metodologia da ocupação de prédios públicos, empregada pelos grupos citados, como uma tentativa de adquirir, de forma eficaz suas demandas, seja no sentido de pressionar os responsáveis (demandados) bem como de chamar a atenção da sociedade para o tema (demanda) daqueles que se mobilizaram/ocuparam.

As lutas estudantis e, portanto, as ocupações que ocorreram se espelharam nas escolas ocupadas no final de 2015 em São Paulo (113 escolas), contra a reorganização escolar proposta pelo governo do estado (Geraldo Alckmin, PSDB) e, no primeiro semestre de 2016, o Brasil todo vivenciou uma onda de ocupações escolares (em 22 estados brasileiros). Um dos casos contemporâneos emblemático desta ferramenta, foi a ocupação da câmara de vereadores de Porto Alegre, onde o Bloco de Lutas (Muhale, 2014) pelo transporte público da capital a ocupou em julho de 2013 pautando o Passe Livre e a transparência nos processos de concessão do serviço de transporte. A dinâmica do bloco de lutas foi analisado do ponto de vista etnográfico por Segarra (2015) dando-nos embasamento para entender como esta ferramenta traz consigo outras formas de lutas pautadas na radicalidade, autonomia, horizontalidade e autogestão. A autogestão do espaço local, assim como a organização horizontalizada sob a forma de redes de ocupações, aparece também na análise feita das ocupações das escolas da região sul por Severo e Segundo (2017).

Em relação à luta pela educação, ao longo da história do Brasil, Maria da Glória Gohn (1995), identificou inúmeros conflitos, que relacionados aos estudantes e jovens, por exemplo, nas últimas décadas: pela reorganização do movimento estudantil pós ditadura, em 1992, o movimento dos caras pintadas pela destituição do presidente Collor, sucederam-se nas décadas seguintes, as lutas contra o aumento das passagens (em 1958, em manifestação contra aumento foram mortos 5 manifestantes, p.97, Gohn, 1995), em defesa educação pública, contra cortes de recursos, etc.

No caso da luta por moradia, no entanto, as mesmas se desenvolvem há muito tempo em nosso país, ou seja, desde o século passado. Maria da Glória Gohn (1995, p.97-136), por exemplo, cita os anos 1960/1961, quando ocorreu o movimento pela casa própria; o surgimento, em 1972, de um movimento dos loteamentos clandestinos; do movimento das favelas em 1979; em 1983 com a criação do movimento de luta pela moradia, em São Paulo e em 1986, do movimento dos sem-casa, etc. Movimentos e lutas que se ampliaram no pós ditadura civil-militar no país (1964-1989), já que o problema de moradia não foi resolvido no Brasil: "Ao todo, cerca de 33 milhões de brasileiros não têm onde morar, segundo relatório do Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos" (Correio Braziliense, 2018). No entanto, agregada a luta pela moradia, associamos a questão do território, ou seja, o conflito pelo qual seu uso e significado, questão em disputa desde as capitanias hereditárias no Brasil (1500).

Neste caso, buscam-se terras para se viver, habitar, morar, e seu significado difere daqueles que a usam para exploração agrícola ou especulação imobiliária em busca de lucro, dinheiro, etc. Portanto, a ocupação na cidade, onde moradores se apossaram do espaço da câmara de vereadores ou outro, em luta pela moradia articula-se pela disputa do território, portanto, pelo uso e significado que se atribui a este bem público ou bem comum já que ninguém o criou, mas sim que foi apropriado de forma desigual por alguns em detrimento de muitos.

As lutas educacionais ou por moradia não são novas em nosso país, assim como a ocupação de prédios públicos como maneira de pressionar a parte demandada do conflito não é nova; mas, a novidade foi a utilização desta ferramenta de maneira conjunta e articulada em todo o estado de São Paulo - pelos estudantes - e posteriormente em todo o país. No caso, dos acadêmicos da FURG (Universidade Federal do Rio Grande) já haviam utilizado esta ferramenta de luta devido aos cortes da assistência estudantil em anos anteriores, mas em 2016, voltaram a fazer uso desta, ocupando o prédio das pró-reitorias inserindo-se naquele contexto mais amplo. No caso das lutas por moradia, é importante destacar que é uma luta por moradia e pela terra, e que as mesmas ocorrem há mais tempo, sejam juntas ou separadas, bem como nos espaços rurais e urbanos. Além disso, se deve distinguir a ocupação de local para moradia (portanto, de um território) - uma ferramenta ainda mais profunda em sentido e função, da ocupação de um local para pressão de um grupo demandante sobre o grupo/agente demandado em um conflito; como as ocupações de terras, onde a produção de meios de subsistência (no caso da produção agrícola ou outra) é a prioridade, que conquistada inclui espaço para moradia dos que forem assentados.

A ocupação nestes três casos (por moradia, das escolas e da Universidade) teve em comum a apropriação e uso temporário do espaço público (dos prédios) onde funciona um serviço público com o objetivo de pressionar os demandados (gestores ou responsáveis), seja obstruindo-o e/ou criando mecanismos e entraves para impossibilitar ou dificultar o funcionamento do mesmo. Ainda que, decisões e ações, possam ser tomadas fora daquele espaço pelas pessoas que "detêm o poder" de tomá-las e fazê-las, a ocupação do local, do prédio, deste(s) espaço público relaciona-se diretamente como símbolo de poder.

A análise sobre estes processos de lutas, feitas por Severo e Segundo (2017), afirmam serem estas ocupações um processo pedagógico único para suas/seus participantes, onde relações e práticas convencionais são substituídas por experiências de autogestão, a partir dos demandados em conflito com o demandado: o governo do estado do RS. Esta

compreensão aponta para um dos pressupostos necessários à educação ambiental desde a injustiça ambiental e social, uma vez que ela se desenvolve tendo o conflito como indicador daquela realidade de injustiça social e ambiental, e ele próprio como espaço educativo (Santos, Machado, Araújo e Passos, 2013).

O que se pretendeu descrever e discutir com este ensaio foi verificar a efetividade da ocupação como ferramenta dos grupos demandados para avanço das suas reivindicações que, conforme afirmamos: desenvolveu-se numa cidade onde a injustiça ambiental se faz presente e, através desta análise, identificar a importância dos processos de ocupação enquanto aprendizagem e experiência para quem deles participam.

2. Metodologia

Para tanto, a metodologia se apoiou em Minayo et al (2012), no sentido de que nos orientamos por uma investigação aberta, onde as gravações, anotações dos relatos e descrições do que aconteceu/acontecia foram produzidas a partir de itens/temas junto ao/com os envolvidos, e, depois, a sistematização e a organização dos dados. Ou seja, entrevistamos em 2016, 3 (três) estudantes secundaristas, (1) membro da direção do CPERS (Núcleo Rio Grande) e (1) uma moradora da COHAB. Destes materiais, foi produzido uma edição do jornalECO (anexo 1); depois, no ano de 2017, maio-junho, retornamos o contato e entrevistamos 3 (três) estudantes do ensino médio, 2 (duas) acadêmicas, e, também, 1 (uma) moradora da COHAB, através da rede social via internet.

No relacionado à ocupação das escolas, em 2016, nosso questionamento era como se deu o processo (e da greve, no caso da entrevista ao CPRGS), e outros detalhes (ver anexo 1). No retorno às escolas (2017), a pesquisa atingiu 3 (três) escolas, entrevistando uma/um estudante por escola, sendo o/a primeira/o estudante a atender os requisitos de: 1) Ter participado ativamente de toda ocupação em 2016; e 2) ainda estudar na escola, e ter compreensão da situação e das pautas do ano passado. As perguntas orientadoras da investigação foram: 1) “desde a ocupação, o que aconteceu com as pautas? e com o movimento?”, 2) Como os outros colegas, que não ocuparam, se portaram depois da ocupação? 3) ”Da ocupação, o que vocês e os colegas levaram para a vida?”. Sendo assim, nos apoiamos na pesquisa/entrevista que constituiu o material para a produção do conteúdo transcrito no jornal como resultante de uma entrevista aberta, e que depois, em 2017 foi retomada.

Na ocupação das pró-reitorias (FURG), foi realizada uma observação participante (Minayo et al, 2012), pois pernoitamos durante alguns dias na ocupação, participando e desenvolvendo as atividades juntos com os estudantes na ocupação em 2016. O que foi publicado no JornalECO (anexo1) e, serviu de base para essa pesquisa foi extraído da página no facebook da Frente de Lutas Contra a Precarização da Universidade – FURG, veículo pelo qual se fez a comunicação desta ocupação. Agora, em 2017, na FURG foram

escolhidas duas estudantes conforme os critérios seguintes: 1) Ter participado da ocupação, 2) Ser demandante de assistência estudantil, 3) Morar na casa de estudante, 4) Estar envolvida com o movimento estudantil, 5) Não estar vinculada a nenhum coletivo político, ou seja, ser independente, porém, ter aceitabilidade e trânsito entre os mesmos.

Quanto ao grupo que demandava a moradia, não foi possível gravar entrevista com quem tínhamos contato e somente algumas informações foram coletadas através de conversa virtual. Isto porque, como membros que vivem da e na precarização, seja da moradia bem com de outras necessidades vitais a sua própria sobrevivência os envolvidos em 2016 se dispersaram, bem como aqueles que tínhamos contatado naquela época. Conseguimos contato virtual, e assim buscamos dados e informações para esta parte da investigação.

3. O que dizem as/os ocupantes, ontem e hoje

3.1 OCUPAÇÕES DA CÂMARA DE VEREADORES DA CIDADE DO RIO GRANDE E FACHADA DA PREFEITURA MUNICIPAL - Demanda de moradoras/es à prefeitura municipal:

No dia 02 de Maio de 2016, a Câmara municipal do município de Rio Grande foi ocupada por 80 moradores de uma área situada ao lado do bairro COHAB IV, onde 65 famílias residiam por mais de dois anos. A propriedade deste terreno é da prefeitura municipal, à qual pediu a reintegração de posse. Os moradores da área, ao serem notificadas/os do deferimento por parte da justiça (injustiça, neste caso) da ação proposta pela prefeitura, se organizaram e procuraram a secretaria de habitação para diálogo. Sem solução ao problema e mantendo-se a reintegração de posse, a intransigência da prefeitura e da secretaria de habitação em se sensibilizar à causa, um grupo, composto principalmente por mulheres, adentrou a câmara (espaço do poder legislativo da cidade) durante uma sessão; e de lá, não saiu, declarando o prédio como ocupado e reivindicando o atendimento de sua pauta: a retirada por parte do município da ação de reintegração de posse e a regularização das suas moradias. Posteriormente, o prefeito conversou com elas/es, mas mantendo a posição inicial.

Após dias de ocupação, o grupo foi convencido por vereadores de que a pressão deveria ser feita no executivo municipal de forma direta, ocupando-se a prefeitura, e então a ocupação saiu da câmara e se dirigiu ao prédio do executivo municipal. Porém, o mesmo já estava devidamente protegido da ação, levando as pessoas a acamparem em frente a porta do prédio da prefeitura por mais dois dias. Entretanto, desta vez o executivo municipal pediu a reintegração de posse da fachada do prédio. No dia 06 de maio de 2016 foi realizada uma audiência entre as partes (prefeitura e moradores) para negociação, a qual não resultou em nenhuma mudança na postura da procuradoria do município. A justiça decidiu manter a reintegração de posse, executada no dia 10 de maio. As moradoras entrevistadas relataram a forma bruta com que foi feita a retirada das casas: "...sendo que na terça-feira, teve algumas casa que não foi ainda desocupada eles passaram a patrola por cima, teve polícia, ambulância…". Ver anexo 1. Procurada agora, a moradora que se intitulava líder do movimento informou que aquela área segue sendo um terreno baldio, que não receberam nada da prefeitura e nem tem perspectiva de receber. Destacou ainda que algumas/uns moradores foram morar com parentes e outras/os estão pagando aluguel.

3.2 OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS - Demanda da educação (professores e estudantes) ao governo do estado:

No dia treze de maio de 2016, os professores da rede pública estadual entram em greve, pois além de retrocessos nos seus direitos, como o fim da licença prêmio, redução na cobertura do IPE (Instituto de Previdência do Estado), alterações no plano de carreira no magistério e o parcelamento dos seus salários. Com os salários atrasados a condição de vida dos professores é precarizada e o governo do estado do RGS ainda prevê no orçamento do próximo ano zero de reajuste salarial aos mesmos. Nesta condição o que sobra as/aos professores é a luta, através da greve, que desta vez se incorpora em outra mobilização, conjunta a do movimento estudantil secundarista.

Na onda de ocupações escolares, iniciada no estado pela capital, na cidade de Porto Alegre, foram 10 (dez) escolas ocupadas pelas/os suas/seus estudantes na cidade do Rio Grande, cidade que se localiza no extremo sul do Brasil, distanciada da capital por 270 quilômetros. As 2 (duas) primeiras foram as maiores e de localização central: O Instituto de Educação Juvenal Muller e a Escola de Ensino Médio Bibiano de Almeida. Na sequência, foram ocupadas as outras 8 (oito) escolas estaduais de ensino médio da cidade: Escola Lorea Pinto, no bairro COHAB IV, Escola Mascarenhas de Moraes, no bairro Cidade Nova, Escola Getúlio Vargas no bairro Municipal, Escola Lília Neves, na vila da Quinta, Escola Silva Gama, no Cassino, Escola Lemos Junior, no Centro e a Escola Roberto Bastos Tellechea, no Parque Marinha. Em algumas delas, aconteceu uma grande resistência por parte de grupos de estudantes, de membros da direção da escola e da comunidade, chegando a organizarem um contra-movimento, pautando a desocupação da escola.

O tema central das reivindicações destas ocupações era a educação pública de qualidade, sendo as pautas ligadas diretamente às dos professores, com ênfase no fim do parcelamento dos salários dos mesmos e no reajuste salarial; mas também as precárias condições das escolas. Melhorias na merenda escolar e reposição de servidores, também era pauta comum nas ocupações. Somado a isto, a pauta que se unificava em todas as escolas era a retirada do PL 44/2016, projeto de lei que prevê a inserção da iniciativa privada na gestão das escolas públicas, bem como o PL190/2015, também conhecido como escola sem partido. No estado do Rio Grande do Sul mais de 150 escolas foram ocupadas. Inicialmente o governo do estado sinalizou com a judicialização da situação, porém, após a ocupação também da assembleia legislativa do estado, já no início de junho, o mesmo abriu negociação com o movimento secundarista.

De maneira mais específica, cada grupo ocupante possuía também pautas de estrutura física em sua escola, onde cada uma apresentava algum problema estrutural dos quais as/os estudantes se queixavam. A desocupação ocorreu após o atendimento da retirada da urgência do PL 44, que até agora não foi à votação na assembléia legislativa, e da promessa por parte do executivo do depósito de 40 milhões para melhorias estruturais nas escolas.

Dos três relatos coletados neste retorno, todos descrevem a ocupação como eficaz no atendimento das pautas materiais:

> *”A nossa pauta que a gente, dos funcionários que tavam, que a gente precisava, eles tão voltando. Tão atendendo a parte estrutural da escola.” - (Relato escola 1).*

> *“Mudou bastante coisa, nossa pauta, não todas as coisas que a gente pediu foram ouvidas, mas o básico assim que a gente*

tava pedindo eles atenderam tipo, reformar os banheiros que tava precário, a situação da merenda também que tava faltando dinheiro, foi atendido, questão de cardápio, essas coisas também foi atendido, nos faltava um professor, que a gente ficou desde o início do ano letivo até a metade mais ou menos sem professor, aí feito essas reivindicações, isso foi atendido, vieram professores pra gente...também fez reforma ali pra, como que se diz, pra pessoas portadoras de deficiências, porque até então não tinha uma rampinha ali de acesso, o colégio não tinha" – (Relato escola 2).

"A escola tá sendo pintada e os alunos estão cuidando, a gente foi ali e pintou a quadra de vôlei, a quadra de futsal foi pintada antes" – (Relato escola 3).

Além da eficácia em relação a essas pautas, fica evidenciado que foi considerada, passado um ano da ocupação, a importância do processo na socialização e na politização das/os ocupantes, aspecto central verificado por Severo e Segundo (2017), nas falas de ocupantes à época da mobilização. Neste sentido, outro ponto é a importância dada ao grêmio estudantil nas falas. Na escola 3, o estudante se refere a este grêmio como resultante da ocupação, sendo este o mais ativo que a escola já teve. Na escola 2, o grêmio estava desativado, e se reorganizar com a ocupação:

"A gente entrou mais nessa questão de política, agora eu acompanho as greve e quando eu fico sabendo participo, e é bom porque os aluno mesmo não participando da ocupação, agora eles têm consciência do que é essa mobilização" – (Relato escola 1).

"Da ocupação, surgiu o grêmio estudantil da ocupação, o grêmio, eu não lembro muito bem, por que eu não era do colégio, mas acho que em 2014 tinha terminado o grêmio estudantil do colégio, e aí ficou assim, ninguém mais queria fazer isso, até o momento da ocupação" – (Relato escola 2).

"O grêmio estudantil, inclusive sou secretário de esportes, ele é bem ativo da escola, talvez seja um dos grêmios mais ativos que a escola já teve, nós conversamos, hoje mesmo a escola tá em horário reduzido, e segundas e quartas o horário é reduzido, pra que a gente possa fazer alguma manifestação, ou alguma, algum movimento com os alunos, pra mostrar que essa preocupação em si acabou mas que o movimento ainda não parou." – (Relato escola 3).

A visão da comunidade escolar, principalmente dos outros estudantes e seus pais também mostram, em ambos os casos, que o primeiro momento de rejeição, apresentado inclusive com movimentos de desocupação, foi substituído no decorrer dos dias após a ocupação por um apoio maior e um entendimento da importância da luta, na medida que as conquistas se materializaram. No relato da escola 1, fica evidente a importância das atividades da disciplina de sociologia na construção deste entendimento de apoio à mobilização dentro da escola:

"Eu até me surpreendi, como era só nós dentro da escola eu achei que era só nós, mas dai quando a gente voltou tinha bastante gente que nos apoiava, e que só não podia, não tinha mesmo como vim, e a gente teve até vários debate, em sociologia, falando da ocupação, e me jogaram pra debater, e tinha um monte de gente apoiando, eu tirei um monte de dúvida porque era muito mal olhado, mas teve bastante gente apoiando" – (Relato da escola 1).

"Teve gente que ficou contra entende, de agente não fazer por conta da perda de aula, por não querer estudar até janeiro, só que eles não tavam tendo a visão que a gente tinha, tipo de consertar o colégio, de conseguir professor que tava faltando, eles só não queriam estudar até janeiro, só que a gente tinha essa visão de tentar concertar isso entende, que não tava agradando a gente, aí tipo, não tinha professor, o colégio tava num estado precário, e merenda também pros aluno não tinha, que, muitas vez também tem gente que tá, não tem uma condição financeira boa, e ai poh, procura a escola pra se alimentar, e aí não tinha isso também, e a gente viu, teve essa visão assim e decidiu ocupar pra mudar isso, só que por conta desses aí que não tiveram, que não viram essa nossa visão, eles começaram a ficar contra, vieram de multidão no colégio pra querer ter aula, muito, muito conflito, com professores também, teve professor que não queria ocupação, e aí a gente acabou brigando também com os professores e aí ficou um clima meio tenso, e no final quando a gente conseguiu o que a gente queria, consertar o colégio um pouco pelo menos, aí eles quase até nos agradeceram, eles viram que mudaram, que o colégio tava fazendo reforma e tava tendo professor também" – (Relato da escola 2).

"Primeiro ano quanto com os que já tavam e acabou não participando da ocupação, que levou aquilo ali como atitude rebelde dos alunos, que eles queriam destruir a escola e tal e começaram a ajudar muito depois, começaram a ajudar bem depois que viram que não era nada desorganizado, que não era nada pra acabar com a paz na escola, então isso ajudou bastante, lá no início" – (Relato escola 3).

Respondendo ao questionamento sobre o que levaram para a vida, a/os estudantes enfatizam uma mudança, principalmente quanto às relações sociais, evidenciando que a ocupação foi um momento de aprender a lidar com o outro, o diferente. Esse espírito de coletividade e superação de diferenças entre colegas destaca-se como legado da ocupação. No relato da escola 3, ainda aparece uma referência à relação entre professores e estudantes.

"A ocupação juntou muita gente, muita pessoa diferente que não era ligada, a gente ficou mais unido assim, os anos, as séries, a gente se uniu mais, a gente conversa entre si, os professores também" – (Relato escola 1).

"Bah, aprendi muita coisa, um monte de coisa, não era um período de aula, mas tipo assim uma coisa que vai me ajudar, que eu vou levar da ocupação é, lidar com o próximo, é que era muitas pessoas diferentes, diferentes talentos, diferentes sonhos, e a gente aprendeu a lidar com o diferente entende, porque muitas vezes a

gente no colégio assim ah eu não gosto da cara do outro, tipo nem conhece entendi, e aí aqui a gente aprendeu a não ter essa visão entende, a deixar essa visão de lado e aprender a conhecer a pessoa" – (Relato escola 2).

"As pessoas conseguem conversar de uma maneira diferente, ter uma visão da escola de uma maneira diferente, tanto dos professores com relação aos alunos, e os alunos com relação aos professores" – (Relato escola 3).

3.3 OCUPAÇÕES DO PRÉDIO DAS PRÓ-REITORIAS DA FURG - Demanda das/os estudantes à Reitoria da FURG:

Dentro da Universidade vive-se uma disputa entre modelos de ensino superior. Nos últimos anos, as políticas públicas tem se desenvolvido no sentido de dar conta a demanda dos movimentos sociais em mudar o público e o caráter da universidade pública. Se, este espaço foi historicamente reservado à elite, ocorreu na última década uma tentativa de popularização, da democratização do acesso. Porém, somente o acesso não basta, algumas pautas, quanto a permanência de estudantes na universidade, são pleiteadas pelo movimento estudantil.

Ao todo foram 21 pautas reivindicadas, entre elas o aumento no número de bolsas permanência, moradia familiar, creche, entre outras. A gestão da universidade não negociou as pautas, e no único momento de diálogo proposto não houve avanços. Colocou-se a discussão das pautas para um fórum de assuntos estudantis, realizado após já passadas quase duas semanas de ocupação, o qual foi amplamente favorável às pautas da ocupação, destrinchando-as, ampliando ainda o leque de reivindicação, sendo aprovado o encaminhamento de 86 pautas. A gestão da universidade, no entanto, não se comprometeu com elas.

Passados 18 dias de ocupação, e tendo em vista que as assembléias decidiram por não radicalizar, ou seja, não trancar as portas do prédio, o desgaste já era muito grande e a reitoria continuava se recusando a negociar. Deliberou-se então pela desocupação sem nenhum ganho material. A frustração nas pautas foi evidente nos relatos, porém o aprendizado com o processo de luta proporcionou a consolidação do movimento. Neste caso, a primeira estudante entrevistada comentou dos desdobramentos dentro do seu curso e a segunda sobre o engajamento em momentos posteriores à ocupação:

"Aprendi muito, aprendi bastante assim, com o movimento do ano passado, comecei a puxar esse lado do movimento também, enraizar ele pro lado da engenharia, e tamo seguindo, conseguiu avançar bastante ano passado, hoje em dia, tem um coletivo, um movimento de luta dentro das engenharias, algo que assim eu fico, nossa, eu fico muito feliz, que tenha algo dentro da engenharia também de luta" – (Relato estudante 1).

"Depois disso, o movimento se reuniu algumas vezes, tiveram alguns protestos na cidade que o movimento participou" – (Relato estudante 2).

Além disso, seguindo a tendência das/os ocupantes secundaristas o reconhecimento enquanto grupo, e aprender a conviver com as outras pessoas tem lugar central nas experiências dessas militantes:

"A importância de um engajamento político, também pude compreender melhor como ele funciona, ouvir, conversar com as outras pessoas que tão na mesma situação que a gente é muito importante, se reconhecer melhor, foi uma experiência muito positiva para mim" – (Relato estudante 2).

Considerações finais

Inicialmente, do que relatamos da investigação e de nossa proposição inicial deste ensaio descritivo do estudo, do relatado pelos estudantes à época da ocupação, tanto para o JornalECO, quanto para Severo e Segundo (2012), de serem as ocupações um espaço riquíssimo para a formação de quem delas participou - social e politicamente -, foi destacado um ano depois, como sendo o principal legado para elas/es. Mas, mais do que isso, diríamos que se manifestou uma concreta forma de luta: Ocupações de prédios públicos e escolas, onde estas ocupações seriam indicadores (Acselrad, et. al, 2009) da existência de desigualdade e de injustiça ambiental e social na cidade do Rio Grande, neste caso, referente a efetividade das políticas públicas que não tem cumprido seu objetivo de garantir espaços educativos com condições e qualidade aos estudantes estaduais no RGS.

As falas dos entrevistados (jovens entre 13 a 17 anos; 19 a 25 anos na Universidade), mostraram a positividade desta experiência no cotidiano, e poderíamos dizer uma experiência cidadã, diante de injustiças e do não cumprimento dos deveres do Estado. Foram os estudantes que se mobilizaram na cobrança (demandas, conforme o Observatório), aos responsáveis (os demandados), de solução dos problemas que estes lhes estavam causando. Isso, nos chamou a atenção, por ser fator comum tanto nas escolas como na universidade.

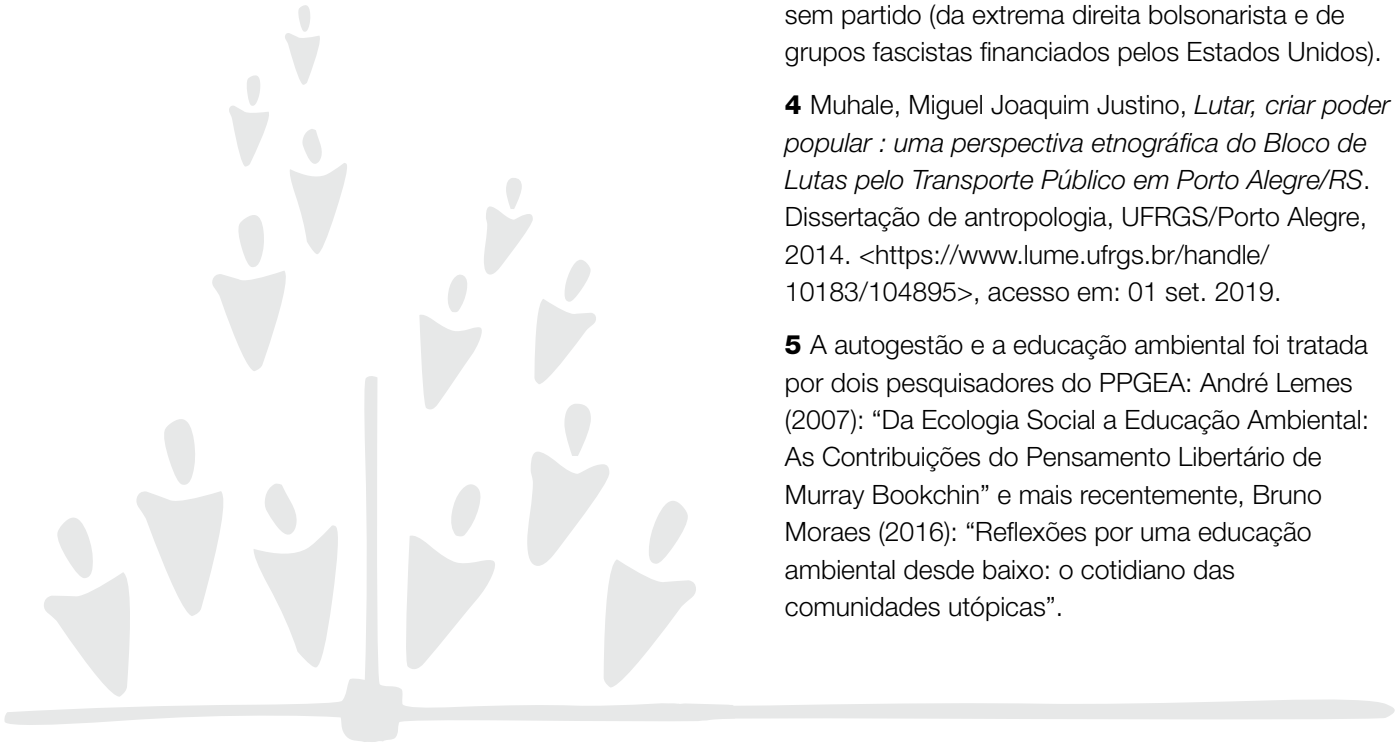
No entanto, podemos destacar outros aspectos, como por exemplo, em decorrência destes processos pedagógicos e educativos vividos pelos participantes, como a criação de um grêmio estudantil, a consolidação de outro e o início da constituição de um terceiro, por exemplo. Na Universidade se constituiu e consolidou um coletivo de engenharia popular.

Por fim, como dois dos autores são ou estão envolvidos na educação ambiental num programa de pós-graduação e tendo, a perspectiva da in/justiça ambiental (Acselrad, et. alli, 2009), dos impactos negativos de empreendimentos ou a falta de políticas recaem ou prejudicam, de forma desigual, os diferentes envolvidos nos temas causadores dos conflitos ou responsáveis por sua solução.

No caso, a falta de políticas ou recursos a assistência estudantil devido a cortes de recursos federais; pelas condições das escolas, cortes de recursos, parcelamento dos salários dos professores, etc. no nível estadual; e pela falta de moradia no nível municipal. Em cada um dos casos, o que está também em disputa são os recursos decorrentes da riqueza produzida, e/ou da direção que as políticas públicas deveriam seguir ou se direcionar, tendo os governos optado por procedimentos legais (remoção) e não disponibilização de recursos.

A relação com a educação ambiental, ou mais precisamente com a educação, é de que tais eventos se constituíram em processos educativos que podem ser inseridos numa perspectiva de caráter crítico e emancipador, portanto, de uma relação educativa crítica e transformadora no qual o ambiente (a terra e o território da cidade) esteve no centro da disputa de um dos conflitos (a luta pela moradia); e de outro, na superação da educação tradicional, bancária (Freire, 2011) e conteudista sem vínculo com a realidade conflitiva que vivemos sendo problematizada pelos estudantes da FURG e das Escolas Estaduais. Isto ocorre uma vez que nos próprios relatos evidenciam-se desdobramentos, como por exemplo, os estudantes de engenharia, começaram a pensar e agir para além de uma educação hegemônica que empresas e governos defendem, apontando para a identificação por parte dos sujeitos de inéditos viáveis e a prática da ação editanda (Freire, 2011).

Por fim, corrobora-se a ideia de serem os conflitos momentos educativos (Machado e Moraes, 2016); e de que o diálogo está intimamente relacionado com o conflito (Machado e Machado, 2017), onde há negociação e articulação entre os debaixo, os diferentes e desiguais e não com os antagônicos, a menos que eles topem negociar soluções as causas geradoras dos conflitos (em cada momento que o mesmo ocorre). As experiências que estudamos mostraram que a auto-organização, as diferentes formas de sociabilização dos envolvidos e a discussão (diálogo) na gestão de uma ocupação, tornou-se fonte de aprendizagem para todos os participantes, carregando em si as práticas de novas relações educativas críticas, tão necessárias à utopia de uma sociedade/cidade com justiça ambiental e social.



Notas

1 O regime político brasileiro (e sua gestão) está dividido em três níveis ou entes federados: governo federal, estadual e municipal. Nestes dois casos estudados (a educação e a habitação) são de responsabilidade tanto da prefeitura (município), como do governo estadual ou do governo federal, mas cada um desenvolve suas políticas particulares ou de forma autônoma. As ocupações da educação ocorreram nas escolas estaduais (governo estadual) e na Universidade Pública (governo federal); já a ocupação da câmara de vereadores refere-se ao espaço municipal (da cidade); mas de outro lado, nas remoções estiveram envolvidos tanto o poder municipal (prefeitura e câmara de vereadores), o estado RGS e a União/governo federal.

2 Dados sobre São Paulo: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mobiliza%C3%A7%C3%A3o_estudantil_em_S%C3%A3o_Paulo_em_2015>, acesso em: 01 set. 2019.

3 Mais dados, informações e fontes em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mobiliza%C3%A7%C3%A3o_estudantil_no_Brasil_em_2016>, acesso 01/09/2019. As reivindicações: Baixa qualidade da merenda escolar e de infra-estrutura, defesa da educação pública, contra a reforma do ensino médio, contra a lei que limita gastos públicas com saúde e educação e a escola sem partido (da extrema direita bolsonarista e de grupos fascistas financiados pelos Estados Unidos).

4 Muhale, Miguel Joaquim Justino, *Lutar, criar poder popular : uma perspectiva etnográfica do Bloco de Lutas pelo Transporte Público em Porto Alegre/RS*. Dissertação de antropologia, UFRGS/Porto Alegre, 2014. <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/104895>, acesso em: 01 set. 2019.

5 A autogestão e a educação ambiental foi tratada por dois pesquisadores do PPGEA: André Lemes (2007): “Da Ecologia Social a Educação Ambiental: As Contribuições do Pensamento Libertário de Murray Bookchin” e mais recentemente, Bruno Moraes (2016): “Reflexões por uma educação ambiental desde baixo: o cotidiano das comunidades utópicas”.

6 Recente notícia sobre a falta de moradia no Brasil: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/05/03/interna-brasil,678056/deficit-de-moradias-no-brasil-chega-a-6-3-milhoes-sp-tem-a-maior-defa.shtml>, acesso em: 01 set. 2019.

7 Estudantes da FURG já haviam ocupado a reitoria em 2012, ver: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/alunos-da-furg-entram-em-greve-e-ocupam-reitoria-1.92287>; em 2015, ver <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/05/estudantes-reclamam-de-corte-de-beneficios-e-ocupam-reitoria-da-furg.html>, e depois em 2016. Acesso em: 01 set. 2019.

8 Disso podemos exemplificar, como estratégia do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLM), que "**O Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLM)** é um movimento social brasileiro. Foi criado em julho de 1990, no primeiro Encontro Nacional dos Movimentos de Moradia, com representação de 14 estados. Materializou-se depois das grandes ocupações de áreas e conjuntos habitacionais nos centros urbanos, deflagradas principalmente na década de 1980" (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Nacional_de_Luta_pela_Moradia>); Movimento Nacional de Trabalhadores sem Teto(MTST, <https://mtst.org>); Movimento de Trabalhadores sem Terra(MST, <https://mtst.org/>). Acesso aos sites em: 01 set. 2019.

9 Página do Facebook, da frente de lutas, da FURG, citada no artigo: <https://www.facebook.com/Frente-de-Lutas-Contra-a-Precariza%C3%A7%C3%A3o-da-Universidade-FURG-1600690310214538/?__tn__=kC-R&eid=ARCohYlJcta30-0Rpg5HAs50BKoJOEF4qEgKDn4eWFu9iMRgJ1juMxI2fPJ99SZzWi7WjfxGv8RBtSGU&hc_ref=ARRgdIK0t4g_s6hM6hZiAz8jy1oBlhkM_vJYjxwijPZ5yIUhScfCOUy6_PkTDZ6czml>, acesso em: 01 set. 2019.

10 Consideramos importante e incentivamos a participação de estudantes em coletivos, somente escolhemos entrevistar militantes independentes para conseguir extrair a opinião pessoal das entrevistadas, sem correr o risco de mostrarmos uma opinião coletiva previamente construída em algum grupo.

11 "Grupo ocupa prédio da Câmara de Vereadores de Rio Grande, no RS. Eles são moradores de área invadida e protestam contra reintegração. Terreno é da prefeitura, que já anunciou que não vai ceder", RBS/Globo, reportagem dia 02 de maio 2016. <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/05/grupo-ocupa-predio-da-camara-de-vereadores-de-rio-grande-no-rs.html>, acesso: 01 set. 2019.

12 Sobre fim da ocupação, ver: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/05/moradores-de-area-invadida-deixam-camara-de-rio-grande-no-rs.html>, acesso em: 01 set. 2019.

13 Patrola é uma escavadeira que abre buracos, para cavar em obras e construções bem como para abrir estradas.

14 "Professores estaduais entram em greve e alunos ocupam escolas no RS", este trecho é parte de conteúdo que pode ser compartilhado utilizando o link: <https://www.valor.com.br/brasil/4565311/professores-estaduais-entram-em-greve-e-alunos-ocupam-escolas-no-rs>, acesso em: 01 set. 2019.

15 O projeto lei PL 44/190 previa a "qualificação entidade organização social ensino pesquisa científica desenvolvimento tecnológico gestão proteção preservação meio ambiente ação esporte saúde cultura" (PL 44/2016 da assembléia Legislativa do RGS), <http://www.al.rs.gov.br/legislativo/ExibeProposicao/tabid/325/SiglaTipo/PL/NroProposicao/44/AnoProposicao/2016/Origem/Px/Default.aspx>, acesso em: 01 set. 2019.

16 O projeto de lei 190/2015 propunha "sistema estadual ensino programa escola sem partido doutrinação ideológica política professor autoridade imparcialidade direito sociedade pluralidade", <http://www.al.rs.gov.br/legislativo/ExibeProposicao.aspx?SiglaTipo=PL&NroProposicao=190&AnoProposicao=2015&Origem=Dx>, acesso em: 01 set. 2019.

17 Ocupações escolas, espaços escolares. <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/558943-ocupacoes-escolares-no-rio-grande-do-sul-e-tema-de-debate-no-ihu>, acesso em: 01 set. 2019.

Referências bibliográficas

Acselrad, H., Mello, C. C.A. e Bezerra, G. N. (2009). *O que é Justiça Ambiental*. Rio de Janeiro: Garamond.

Freire, P. (2011). *Pedagogia do Oprimido*. 50º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gohn, M. G. (1995). *História dos Movimentos e Lutas Sociais*. São Paulo: Loyola.

Machado, C.R.S.; Santos, C. F. (2013). Introdução. In: Machado, C. R.S.; Santos, C. F. *Conflitos Ambientais e Urbanos - debates lutas e desafios.* Porto Alegre: Evangraf.

Machado, C. R.S.; Moraes, B. E. (2016). Os conflitos como momento de ruptura da hegemonia: contribuições à sociologia e à educação ambiental a partir de Henri Lefebvre. NORUS, Pelotas, RS – v4, n.6, jul/dez, pp. 116-137. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/NORUS/article/view/9246/6593

Machado, C. R.S.; Machado, T. F. (2017). O lobo (o opressor) em pele de cordeiro entre nós (os desiguais e diferentes): Os conflitos em Paulo Freire como contribuição aos processos educativos e produtivos. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. REMEA*, Rio Grande, Edição especial XIX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, pp. 60-78. Disponível em: https://periodicos.furg.br/remea/article/view/6893/4516.

Minayo, M. C.S., Deslandes, S. F. e Gomes, R. (2012). *Pesquisa social: teoria método e criatividade*. 31 ed. Petrópolis: Vozes.

Santos, C. F.; Machado, C. R.S. (2013). Extremo Sul do Brasil: Uma Grande "Zona de Sacrifício" ou "Paraíso da Poluição" (pp: 181-204), in: Machado, C. R.S.; Santos, C. F. Conflitos Ambientais e Urbanos - debates lutas e desafios. Porto Alegre: Evangraf.

Santos, C. F., Machado, C. R.S., Araújo, C. F. e Passos, W. V. (2013). Conflitos no Centro da Educação Ambiental (pp. 245-274), in: Machado, C. R.S.; Santos, C. F. *Conflitos Ambientais e Urbanos - debates lutas e desafios.* Porto Alegre: Evangraf.

Segarra, J. J. (2015). "*Paz entre nós, guerra aos senhores!": uma etnografia sobre o Bloco de Lutas pelo Transporte Público e a ocupação da Câmara de Vereadores de Porto Alegre.* Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Severo, R. G.; Segundo, M. A.C.S. (2017). #OCUPATUDORS –Socialização política entre jovens estudantes nas ocupações de escolas no Rio Grande do Sul. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP v.19 n.1, jan./mar, pp. 73-98. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647792/15201.

Outras referências

Jornal Agora. (2016). Edição dos dias 03, 04, 06, 13, 14 de maio e 16-18 junho de 2016. Rio Grande.

JornalECO. (2016). *Edição Ocupada*. Observatório dos Conflitos Urbanos e Socioambientais do Extremo Sul. Rio Grande. Maio.

Anexo 1 - JornalECO

OBSERVATÓRIO DOS CONFLITOS URBANOS E SOCIOAMBIENTAIS DO EXTREMO SUL DO BR

RELATOS DAS OCUPAÇÕES

Entrevistas na íntegra realizadas com alunas ocupantes:

3º ano - Lemos Junior: A ocupação começou quando a gente começou a se sensibilizar com o pessoal em São Paulo, a gente começou a ver que eles tavam lutando e que tava realmente difícil pra eles e a gente começou a notar o quanto tinham coisas erradas da educação daqui também no rio grande do sul, no Brasil todo né, e a gente começou a conversar entre colegas e colegas de outra turma também e a gente foi conversando e percebendo as coisas erradas que tinha no colégio, que tinham nos colégios dos arredores, Juvenal, Getulio. A gente por rede social foi se unindo, foi conversando e decidimos que a gente ia ocupar o colégio, que a gente queria um educação de qualidade, que o salário dos professores ta ridículo, sendo parcelado desse jeito, já não recebem muito e ainda parcelam. Os professores que não tão sendo grevistas a gente até entende, porque já não tão recebendo direito e aí se fizerem greve aí não vão receber nada, mas eles tão sempre com a gente, tão sempre apoiando, e a gente recebe alimentos dos professores, dos alunos, de pais, de pessoas pela internet até que conversam com a gente e perguntam se a gente precisa de material de limpeza, de arroz de feijão, de massa, e assim ta indo, faz uma semana já que a gente ta aqui no Lemos, a gente revesa, quem pode ficar a tarde fica a tarde, quem pode ficar de anhã fica de manhã, que pode ficar a noite fica a noite, dorme aqui.
A gente tava até conversando caso não dê em nada, obvio que dá em nada não vai dar mas, caso não dê um grande avanço a gente vai saber que teve uma grande experiência, porque teve muita gente que a gente mal sabia que estudava no colégio e que fomos conversando "a não, vamo ocupar, vamo dormir aí, vamos passar a tarde, fazer atividades e a gente ta se tornando muito, muito amigos, todo mundo ta se unindo de verdade, são amigos que a gente pretende levar pra vida toda, não só pela ocupação, não é só pela escola, a gente ta ganhando uma experiência enorme.

3º ano - Augusto Dupra – A nossa ocupação deu inicio na quinta-feira, por vários motivos que acho que todas escolas tem lutado juntas, então a gente começou, a gente ia fazer primeiro uma semi-ocupação somente durante o dia, mas aí quando a gente teve uma reunião com alguns professores do turno da tarde a gente resolveu que ia ocupar geral, foi tipo meio que uma revolta, agora mesmo que a gente vai ocupar, aí a gente achou que a gente não ia ter apoio dos nossos professores, que a gente ia ter uma certa resistência, mas muito pelo contrário, a gente se viu que nem uma família, te professores que tão nos apoiando geral assim, tem a nossa direção que a gente ta tendo contato, qualquer coisa que a gente precisa pode chegar ali, pessoal do cpers também tem trago mantimentos, então a gente só espera que esse movimento venha a crescer e não venha a morrer, que a gente não venha a parar no meio do caminho, não só a gente, mas também as outras escolas, porque se a gente unir forças a gente vai conseguir o que a gente quer, pode não conseguir tudo de uma única vez, mas indo pra frente e seguindo acho que essa é o foco, não é ser só mais uma escola ocupada, porque mesmo já tendo ocupado e se a gente não conseguir, se conseguir dois dos nossos objetivos pra mim já vai ter valido a pena, porque a gente se tornou uma família né, uma família tipo a gente chora, a gente briga, a gente ri, mas é a minha outra família assim, então é outra casa né, e aí a gente ri tipo, "ah, mas eu não gosto de fulano, fulano ta me irritando" e a gente passa por essa situação então a gente aprende bem mais do que tando só dentro de uma sala de aula.

3º ano - Loréa Pinto: Tipo, a gente chegou aqui porque a gente quer os nossos direitos, ta tudo muito precário, os pavilhões, sério, são diversas coisas, alaga tudo aqui, a gente quer mudar esses bagulho assim. A ocupação em si ta tranquila, eu acho que o nosso maior problema mesmo é as pouquíssimas pessoas que tão contra a gente, a direção a vice-direção da noite. A direção ta querendo ser neutra, mas uma hora se joga pra um lado, outra hora se joga pro outro, ela ta tipo em cima do muro, e o que trabalha na secretaria. Tipo é muita coisa, o que a gente ta reivindicando, tipo aquele prédio lá dos fundos por exemplo, aquele bagulho é a pior coisa da escola, a infraestrutura é horrível, tipo muita gente já quebrou a perna lá, porque o chão cai, afunda, e aquilo era pra ser provisório, era pra durar um ano, no máximo e tipo já ta a mais de vinte, tipo a mãe do meu padrasto estudou lá, muito antigo. Aqui dentro chove muito, muito mesmo, a gente tem um vídeo. Os professores também, muitos não sabem dar uma aula que a gente possa interagir, chegam e jogam o conteúdo no quadro e é isso aí, são poucos os professores, que são os que estão nos apoiando de verdade que tão até ficando aí com a gente, eles são bons mesmo. Eu to achando legal, a gente ta abrindo bem mais a mente, a gente ta sendo mais cabeça sabe, a gente ta conhecendo o nosso poder aqui dentro, tá bem mais unido.

CONTATO:

Escolas Ocupadas

Seguindo o exemplo de estudante secundaristas do Chile em 2012, d Paulo no ano passados e de vários no Brasil neste ano, as/os alunas/o rede pública estadual do Rio Gran utilizam da tática de ocupação com método para lutar por seus direitos Se somando a várias pautas das/o professoras/es e com pautas espe de cada escola ocupada, estas/es dão exemplo de organização e disposição para a luta, vale a pena conferir as reivindicações e ações cada ocupação:

www.facebook.com/**ocupalorea**
E.E.E.M. Carlos Loréa Pinto
R. Irmao Fidencio - 55 - COHAB IV
(53) 3235-5507

www.facebook.com/
Ocupa-Mascarenhas-227917040923839
E.E.E.M. Mascarenhas de Moraes
R. Domingos de Almeida, 659 - CDN
(53) 3232-6637

www.facebook.com/**odebibiano**
E.E.E.M. Bibiano de Almeida
R. Gen. Canabarro, 321, Centro
(53) 3232-8919

www.facebook.com/**ocupaetegetul**
E.E. Getulio Vargas
R. Dom Bôsco, Municipal
(53) 3233-1390

www.facebook.com/
Ocupa-Lilia-716603261727223
E.E.E.M. LILIA NEVES
R. Trajano Lopes, 149, Quinta
(53) 3239-1044

www.facebook.com/
acaosustentavelsg
E.E.E.M. Silva Gama
R. Itaqui, 400, Cassino
(53) 3236-4747

www.facebook.com/**ocupaad**
E.E.E.M. Augusto Duprat
D. - Av. Pedro II, 260, BGV
(53) 3232-8616

www.facebook.com/**ocupalemosjr**
C.E. Lemos Júnior
R. Benjamin Constant, 373, Centro
(53) 3232-3996

www.facebook.com/**ocupatellechea**
E.E.E.M. Roberto Bastos Tellechea
Av. Grandes Lagos, 300, Parque Marinh
(53) 3235-1501

www.facebook.com/**ocupajm**
I.E.E. Juvenal Miller
R. Andrade Neves, s/n - Centro
(53) 3232-3746

Anexo pav. 4 – Campus Carreiros – FURG – Rio Grande/RS

pág: #OcuparEResistir

#OcuparEResistir

JornalECO

PROFESSORAS/ES ESTADUAIS EM GREVE DESDE O DIA 13 DE MAIO

O magistério estadual está em greve e entre as pautas está o fim do parcelamento dos salários, reajuste, a garantia dos direitos garantidos no plano de carreira e a retirada da PL 44, que prevê a privatização do ensino estadual, segue abaixo fragmentos da entrevista da professora Andrea da Rosa, diretora do 6º núcleo(Rio Grande) do CPERS.

A gente está a um ano e meio praticamente de governo, desde o primeiro momento tentamos diálogo, tentamos negociação, principalmente na questão da defasagem no nosso salário...a nossa defasagem é de 69,44%, isso é o que precisa de reajuste pra gente chegar ao piso nacional hoje...no mês de julho o primeiro parcelamento efetivamente, e desde então a gente vem nesta angustia, nesta dúvida né, se vamos ter salário, se não vamos ter salário. Este ano já começou em fevereiro, tivemos fevereiro, março e abril parcelados, chegando em abril a ser nove vezes...também atraso no repasse pras escolas, então as escolas trabalhando sem condições, porque não tem nem pra manutenção, nem pro material básico...questão da hora atividade porque os dois terços de interação com o aluno...transformou essas horas aula em horas relógio, as 800 horas obrigatórias, horas relógio, acabam levando o professor a um aumentos nas horas de trabalho...o governo agora no mês de abril publicou no diário oficial a contratação de uma empresa, de uma consultoria para fazer uma análise do nosso plano de carreira, então está se concretizando aquilo que a gente já vinha suspeitando, de uma mexida estrutural no nosso plano de carreira....desde o início do governo não acontece mudança de nível.... a questão das promoções que também é do nosso plano de carreira...se não acontece a avaliação não acontece promoção e desde o início do governo não é feita a avaliação...redução nas rpvs de quarenta salários mínimos passaram pra dez salários mínimos...A extinção da licença premio...além desse projeto a gente tem na assembléia o PL 44, que é de criação das OS, das Organizações Sociais, que a gente tá apontando aí, também é uma pauta dos estudantes, a retirada desse projeto, porque é a privatização, a gente já ta vendo em outros estados, Goias, Paraná, São Paulo....Também tem mudanças no IPE, que é nosso plano de saúde prevê um aumento na contribuição...e também prevê a nossa contrapartida nas internações, nos procedimentos hospitalares...a intenção do governo de fazer um estudo em nossas escolas no que a gente chama de difícil acesso...fazer esta discussão sem ter o mínimo do salário a gente não aceita, depois que a gente tiver o piso salarial implantado até aceitamos sentar e discutir essas questões...a LDO, lei de diretrizes orçamentárias de 2017, que já está sendo encaminhada pra assembléia prevê reajuste zero novamente para o ano de 2017, então vão pra três anos sem nem a reposição da inflação, não tem condições... se a gente não fizer alguma coisa vamos entrar 2017 recebendo o salário mínimo... Diante de tudo isso deflagramos a greve, porque a gente entendeu que não tem mais condições, não dá mais pra suportar.

A adesão ainda não é uma adesão massiva como a gente gostaria que fosse, mas tem alguns fatores que levam a isso, não é porque a categoria resolveu não aderir a greve e esteja satisfeita com a situação ou não entenda a necessidade, pelo contrário. São as ameaças, o medo, porque o mínimo que a gente recebe, apesar de muito pouco e de muito defasado é o que sustenta a casa...a gente indo nas escolas tem percebido um aumento desta adesão, nós começamos com em torno de sessenta por cento e hoje posso afirmar que é mais de setenta por cento da categoria aderindo a greve. O grande diferencial realmente é essas escolas ocupadas, porque nas escolas ocupadas, que hoje nós somos dez, são as maiores, onde tem o maior numero de alunos...mas mesmo nessas escolas ocupadas a gente tem colegas assumidamente não grevistas, mas estão ocupadas, não tem aula, então pra nós o movimento já ta positivo neste sentido. ...A grande preocupação é dar força pra esses alunos, talvez o governo esteja apostando no cansaço, tanto deles quanto nosso...a gente tem o fator frio aqui, que é diferente das ocupações do resto do país se a gente for analisar este lado...uma demanda de alimentos que a gente tem pedido a colaboração da própria comunidade, alguns levam direto nas escolas, outros trazem aqui pra nós e a gente vai distribuindo...o apoio as ocupações, o que a gente pode fazer é isso, em nenhum momento o Cpers intervir, não pode intervir no andamento das ocupações, são decisões deles, os alunos estão organizados, eles fazem assembléias...a pauta é conjunta, apesar de cada escola ter a sua pauta, é muito bonito o movimento deles, tem uma pauta que é geral, até nacional, trazem questões da educação como um todo, tanto de físico, concreto, de valorização dos professores....mas também a questão pedagógica, eles tão querendo discutir currículo, discutir disciplina, discutir matéria, conteúdo, o que realmente interessa pra eles, o que é importante pra eles, tão querendo ter voz nisso, um movimento que a gente ta avaliando que mesmo que terminasse hoje, com certeza esses alunos, essas escolas, os professores destas escolas não vão ser mais os mesmos, já houve uma mudança, nesse sentido a greve já foi vitoriosa.

Quirino

ESTUDANTES DO PPGEA REALIZAM ATIVIDADES

Diante da situação atual da conjuntura, do golpe que vivemos, das manifestações e ocupações, greves e parcelamento de salários, cortes no PROAP e na assistência estudantil, os discentes do PPGEA decidiram por somar nas mobilizações da FURG contra o GOLPE E O RETROCESSO e lançar a atividade: **"Ocupa tudo: e a Universidade?"**. A atividade será realizada no dia **1º de Junho**, Quarta-feira no PAVILHÃO 4. Outras atividades das/os alunas/os do PPGEA:

8/06 (17:00 horas) - A Escola e a Universidade sem partido - Roda de Conversa com programas de Pós-Graduação da FURG.

15/06 (14:30) - Debate sobre Mineração na América Latina: Uruguay, Peru e São José do Norte. Convidados: Victor Bachetta, Adriana Paola Paredes Peñafiel, Raizza Lopes.

(17:00 horas) - Roda de conversa sobre Mineração, Flexibilização Ambiental e as lutas dos Movimentos Sociais - Grupos, Coletivos e Movimentos em Luta

- Nas rodas de conversa estaram sendo arrecadados alimentos para as ocupações de Rio Grande.

EXPEDIENTE

O jornalECO é uma publicação/informativo do OBSERVATÓRIO DOS CONFLITOS URBANOS E SOCIOAMBIENTAIS DO EXTREMO SUL DO BRASIL, vinculado e apoiado pelo Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental - PPGEA e Instituto de Educação- IE da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Esta edição foi ocupada por coletivos em luta que reivindicam seus direitos e nos desacomodam, através de notas e falas de mulheres. Evidenciando o protagonismo feminino nessas lutas. Quando nossos direitos são negados ocupar é uma obrigação.
Ocupar e Resistir!

CNPq FURG

facebook.com/observaconflitosRS/ observatoriodeconflitos@gmail.com

#OcuparEResistir

Jornal ECO

MORADIA

No dia 10 de maio, foi cumprido mandato de reintegração de posse de uma área ocupada para moradia por 65 famílias, na Cohab IV. Segue o relato de uma das moradoras, que tem de criar sua filha sozinha e teve de deixar sua casa:

"A gente recebeu a notificação dia vinte de abril, agora no mês passado, que a gente tinha vinte dias, até o dia dez pra sair, retirar, e a gente achou injusto o que fizeram com a gente, a gente foi procurar nossos direito, a gente fez uma manifestação ali na Belo Brum pedindo pra que a RBS viesse, conversasse com a gente pra explicar a situação porque muita gente não sabia a situação que a gente tava né. Aí a gente parou a Belo Brum, aí na segunda feira a gente foi na prefeitura pra conversar com o prefeito, a gente foi na prefeitura, o prefeito não quis atender a gente, botou um representante pra atender a gente junto com o Gilmar Ávila, procurador do minha casa minha vida, daí na reunião eles falaram que não podiam fazer muito pela gente, porque tinha muita gente na fila de espera pro minha casa minha vida, que eles não podiam botar a gente na frente, e que o que tava dito tava dito, que dia dez iam retirar as casas, e aí a gente pensou, pensamos e repensamos o que seria da gente e começamos a seguir em frente, aí pegamos e fomos pra BR, trancamos La os caminhões e os ônibus, fizemos manifestação lá na BR, aí fomos pra câmara de vereadores pedir ajuda pra eles, aí ficamos lá num dia e falaram sobre nosso assunto, aí voltamos pra casa de novo, no outro dia fomos na câmara de vereadores de novo, queríamos que o prefeito atendesse a gente, a gente não ia sair da câmara dos vereadores enquanto o prefeito não atendesse a gente, aí quando vê o prefeito marco uma reunião com a gente, a gente dormiu dois dias na câmara de vereadores sendo que a gente teve a reunião com ele e ele não voltou atrás que ele disse que o que tava feito tava feito, ele não voltou atrás, que dia dez iam retirar a gente. A sendo que a gente voltou pra câmara de vereadores que lá a gente tava ocupando o lugar de lá, voltamo pra câmara de vereadores e ficamos mais uns dias lá, sendo que a gente ficou na câmara de vereadores, e que a gente queria, a gente queria que o prefeito atendesse a gente, como o prefeito tinha atendido a gente, a gente desocupo a câmara dos vereadores e fomos pra frente da prefeitura, aí tiveram que marcar uma audiência com gente, aí fomos pra frente da prefeitura, ficamos duas noites lá e eles pediram a reintegração de posse, pediram a reintegração da frente da prefeitura, aí fomos ficar ali, aí dormimos um dia ali na praça Xavier aí no outro dia seria a audiência, e a gente pensou que ia ta tudo bem na audiência, aí tivemos a audiência, uma reconciliação, mas sendo que não teve reconciliação nenhuma, que a gente tinha que sair dia dez, tinha que sair, era numa sexta feira, tivemo todo o final de semana pra retirar nossas casas e todo mundo se ajeitar, tem gente até hoje que não tem pra onde ir realmente, que ta invadindo as casa porque não tem pra onde ir, aí a gente desocupou lá o lugar e dois dias, sendo que na terça-feira, teve algumas casa que não foi ainda desocupada eles passaram com a patrola por cima, teve polícia, patrola, ambulância, é isso."

Fotografias da própria relatante

FURG OCUPADA!!!

Prédio das pró-reitorias ocupado por estudantes que lutam por permanência e pela educação pública. Segue nota e fotografias publicada pelas/os ocupantes na página www.facebook.com/Frente-de-Lutas-Contra-a-Precarização-da-Universidade-FURG-1600690310214538

Desde o início do ano diversos Diretórios e Centros Acadêmicos da FURG vem realizando assembleias em seus respectivos cursos, debatendo os processos de precarização que a Educação e Universidade vem sofrendo, fazendo a partir disso ainda um levantamento dos indeferimentos respectivos ao Edital do Subprograma de Assistência Básica 2016 da PRAE. Tendo como resultado um índice inaceitável de negativas por parte da Universidade , a pauta da Assistência Estudantil foi levada para a Assembleia Geral dos/das Estudantes da FURG realizada no dia 10 de maio de 2016, onde foi debatida por pelo menos mais de 100 estudantes. Nessa Assembleia ficou encaminhada a formação da Comissão pela Assistência Estudantil, comissão essa responsável pela organização e agitação das pautas relacionadas a esta Luta.

A segunda assembléia ocorreu no dia 23/05/16 onde ficou encaminhada a realização de um ato no dia 31/05. Além do encaminhamento do ato foi elaborado um documento que com as pautas que as/os estudantes presentes da assembléia geral entendem como prioritárias no que se refere à assistência estudantil para que a permanência na universidade seja garantida.

Hoje pela manhã em uma reunião entre a Reitoria, PRAE e a Comissão pela Assistência Estudantil o vice-reitor Danilo Giroldo apresentou as respostas às pautas elencadas no documento citado. De todas as pautas apresentadas, nenhuma foi considerada como possível de ser atendida de imediato. No geral, as respostas foram vazias e insuficientes.

Durante a tarde, conforme previsto, foi realizado um grande ato por mais assistência estudantil e em defesa da educação pública. O ato contou com a presença de mais de 200 pessoas e percorreu vários prédios da universidade, finalizando o percurso no prédio das pró-reitorias, onde, em assembléia as/os estudantes presentes decidiram pela ocupação do prédio, tendo em vista o histórico de descaso da instituição e a negativa sistemática de todas as pautas apresentadas. Pois em todas as oportunidades de dialogar e avançar nas pautas, a gestão da universidade se negou a ser propositiva e a demonstrar empatia com o desespero das/os estudantes que foram indeferidas/os nos editais de inclusão e renovação no subprograma de assistência básica 2016.

Convidamos a todas/os que quiserem somar-se a esta luta, ou mesmo queiram entender melhor o processo, conhecer as pautas, a virem na ocupação. Em breve divulgaremos mais informações sobre as pautas prioritárias para a desocupação e também informações sobre as atividades que rolarão durante a ocupa. E neste sentido, o diálogo permanece aberto, assim como as portas para quem quiser entender melhor o processo de ocupação!

facebook.com/observaconflitosRS/

observatoriodeconflitos@gmail.com